



TCC/UNICAMP
M589i
1290003742/IE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMI



A INDUSTRIALIZAÇÃO CHINESA E AS MULTINACIONAIS: QUEM GANHA O QUÊ?

Luís Felipe Lopes Milare
Orientador: Davi Nardy Antunes

UNICAMP

Campinas, 25 de Novembro de 2003

TCC/UNICAMP
M589i
1290003742/IE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Luís Felipe Lopes Milaré

A INDUSTRIALIZAÇÃO CHINESA E AS MULTINACIONAIS: QUEM GANHA O QUÊ?

Trabalho de Monografia apresentada a
banca examinadora em Dezembro de
2008 Curso de Graduação em Ciências
Econômicas da UNICAMP

Orientador: Prof. Daví Nardy Antunes

Antunes, Daví Nardy

Campinas

Novembro

2008

CEDOC/IE/UNICAMP

MILARE, Luis Felipe Lopes. A Industrialização Chinesa e as Multinacionais: Quem Ganha o Quê?. Campinas: UNICAMP, Dezembro de 2008. 50p.

Resumo: Através deste trabalho pretendemos analisar o processo de industrialização chinesa e sua interação com as multinacionais. Através da análise do processo de industrialização buscaremos delimitar os principais ganhos auferidos pela nação chinesa e pelas multinacionais com este processo.

Palavras-chave: Industrialização Chinesa – China - Multinacionais

UNIDADE:	FE
CLASSIF:	TA/UNICAMP
AUTOR:	M589i
ED:	VOL:
PATRI:	3742
PROC:	16 148 09
C:	D:
PREÇO:	
DATA:	09/10/2009
FONTE REC:	
ID:	

CT 437744

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1 – BREVE HISTÓRICO DAS REFORMAS ECONÔMICAS NA CHINA PRÉ 1978.....	7
CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO CHINÊS.....	15
2.1 <u>O INÍCIO DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO: 1978-1992</u>	16
2.2 <u>O SALTO INDUSTRIALIZANTE CHINÊS: 1992-2007</u>	21
CAPÍTULO 3 – A MODERNIZAÇÃO DA INDÚSTRIA CHINESA E SEU GANHO EM KNOW-HOW	29
3.1 <u>INVESTIMENTO DIRETO EXTERNO NA FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO</u>	30
3.2 <u>A TRANSFERÊNCIA DE KNOW-HOW</u>	32
CAPÍTULO 4 – POR QUE A ESTRATÉGIA DAS EMPRESAS PASSA PELA CHINA.....	35
4.1 <u>O MERCADO CONSUMIDOR</u>	36
4.2 <u>O BAIXO CUSTO DE PRODUÇÃO GERANDO RENTABILIDADE</u>	40
4.3 <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	43
CONCLUSÃO	44

INTRODUÇÃO

É impossível pensar em desenvolvimento sem olhar para o “gigante adormecido” que já despertou há mais de duas décadas. Não foi por acaso que em menos de 30 anos a China passou de uma nação primordialmente agrária para um país detentor do mais moderno parque industrial do mundo. Uma estratégia de cunho heterodoxo com forte controle do Estado e planejamento centralizado foram os pontos chave para sua industrialização. Para entendermos como foi possível tamanha evolução, taxas de crescimento elevadíssimas e a criação do mais moderno parque industrial do mundo em apenas trinta anos precisamos olhar para alguns aspectos estruturais da economia planejada da China.

Sabemos que tanto as multinacionais, quanto a China, ganham com este desenvolvimento regido pelo governo central. O objetivo deste trabalho é esclarecer quem ganha o que com este processo. Será defendido que, durante o processo de industrialização chinesa, o maior ganho do país é a apropriação do know-how das empresas multinacionais que lá se instalam, preparando sua economia para um desenvolvimento “independente” no longo prazo. As multinacionais por sua vez, ao entrarem na China, têm a possibilidade de atender ao seu mercado interno (bastante significativo e em crescimento) e obter ganhos de rentabilidade elevados graças ao baixo custo de produção e complexo exportador desenvolvido.

Inicialmente, se desenvolverá um breve histórico das reformas industrializantes pré 1978, com o intuito de entender em que contexto se deu a ascensão de Deng Xiaoping ao centro das reformas industrializantes. O ponto de partida será a análise da tomada do poder por Mao Tse-Tung, líder do partido comunista, e da primeira grande reforma agrária por ele iniciada. Esta reforma obteve grande êxito e Mao galgou amplo apoio popular, principalmente do campesinato. Após alguns anos, em 1958, Mao lança o “Grande Salto a Frente”, plano que visava elevar drasticamente o produto chinês, gerando crescimento e desenvolvimento. O plano não obteve o resultado esperado e novas lideranças como Deng Xiaoping passam a galgar espaço no partido comunista. O período entre 1962 e 1965 pode ser colocado como o momento de reestruturação após o “Grande Salto à Frente”. Mao perdeu força, apesar de continuar como presidente do partido comunista. Um governo mais moderado passou a dirigir o país.

Em 1964, o Premier Zhou Enlai anunciou o objetivo de conquistar quatro modernizações – Indústria, Agricultura, Defesa e Ciência e Tecnologia. Alguns veteranos comunistas, como Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, foram grandes articuladores desta reestruturação da economia, capaz de recuperar os níveis de produção industrial e agrícola. A influência deles passou a ser cada vez maior.

Parte do poderio de Mao foi colocada em cheque. Neste período ele inicia o que conhecemos como revolução cultural. Nela, por trás do pretexto de trazer o verdadeiro comunismo para o povo, Mao reprime seus adversários políticos e busca se manter no centro do poder. Com sua morte, os revolucionários do partido comunista são substituídos pelos planejadores desenvolvimentistas, liderados por

Deng Xiaoping. Esse pode ser considerado o marco histórico do início do desenvolvimento industrial chinês.

No segundo capítulo, será analisado o processo de industrialização chinesa, explicando como foi possível esta transformação em tão pouco tempo. Com a ascensão de Deng Xiaoping, foi definida uma estratégia para a modernização do país. Esta buscava rapidamente resolver graves problemas sociais decorrentes da situação de miséria absoluta que grande parte da população vivia e colocar até o final do século XXI a China entre os países desenvolvidos de nível intermediário.

Em seu famoso discurso conhecido como “Discurso para os Dez Mil Militantes”, Deng Xiaoping listou as principais tarefas estratégicas da China para os anos 80: (1) a luta contra o hegemonismo (principalmente o Soviético); (2) o retorno de Taiwan para sua “terra natal”; e (3) a aceleração da reconstrução econômica (KAMENADE, 1997, p. 160). O foco da análise aqui desenvolvida será no terceiro objetivo e, para tanto, será dividida em dois períodos: (1) início do processo de industrialização (1978-1992), período em que se cria uma base para alavancar o crescimento acelerado da indústria chinesa; e o Salto Industrializante Chinês (1992 a 2007), período do boom do investimento direto externo, das exportações e completa transformação/ modernização da sua indústria.

Uma vez entendido como foi possível esta industrialização, o foco do capítulo 3 será no entendimento de qual o principal ganho da China com o processo de entrada das multinacionais: o know-how. Será mostrado que o peso dos investimentos estrangeiros na formação bruta de capital do país é baixo,

indicando que não se tem por objetivo atrair poupanças externas, mas a transferência de tecnologia, que passa a ser dominada por engenheiros e técnicos chineses, dando a eles as ferramentas necessárias para que possam competir no mercado internacional com produtos de alta qualidade.

No último capítulo, serão apresentados os principais fatores que levam as multinacionais a desenvolverem uma indústria de ponta na China, apesar de todas as obrigações impostas pelo governo chinês. Acredita-se que dois são os fatores primordiais que levam as multinacionais a se estabelecerem na China, desenvolvendo fornecedores e investindo em um parque tecnológico no coração da Ásia. O primeiro fator é seu já amplo mercado consumidor ainda em expansão e o segundo é o baixo custo do trabalho e de produção, que garantem uma enorme rentabilidade, aliados a um completo complexo exportador preparado para atender à demanda por todo tipo de produto das mais diversas regiões do mundo.

Existe uma articulação bastante intensa entre as multinacionais instaladas na China e o processo de desenvolvimento industrial chinês. Fica evidente que a China garante para as multinacionais rentabilidade e baixos custos, mas “cobra” a transferência de know-how aos engenheiros e industriais chineses. Assim, os chineses aprendem com as maiores empresas do mundo e seus modelos de gestão, criando suas próprias empresas extremamente competitivas.

Com um planejamento centralizado e orquestrado, a China foi capaz de desenvolver sua indústria e preparar sua economia para os próximos passos do desenvolvimento. Eric Hobsbawm apresentou a Inglaterra era a fábrica do mundo,

hoje, pode-se dizer que a China ocupou este lugar, não apenas com bens de baixo valor agregado, mas cada vez mais com bens de alta tecnologia.

CAPÍTULO 1 – BREVE HISTÓRICO DAS REFORMAS ECONÔMICAS NA CHINA PRÉ 1978

A China adotou uma estratégia de desenvolvimento bastante particular nos últimos 30 anos. Suas reformas lhe garantiram taxas de crescimento elevadíssimas e possibilitou a criação do mais moderno parque industrial do mundo. Essa estratégia está, de certa forma, intimamente ligada a seu passado, por isso um breve histórico das reformas que culminaram na liderança de Deng Xiaoping faz-se necessário. Após diversas dinastias, em 1911, a China conheceu a República e a partir de então vivenciou inúmeras manifestações de cunho nacionalista, em que prevalecia a resistência a dominação externa.

O Partido Comunista Chinês (PCC), fundado em 1921 com apoio soviético, inicialmente colaborou com o Partido Nacionalista, uma vez que tinham o objetivo comum de unificar a China contra os lordes feudais e o império japonês. Com a inesperada morte de Sun Yat-sen (líder do partido nacionalista), em 1925, um de seus protegidos, Chiang Kai-shek, e seu exército chegaram ao poder. Na Expedição do Norte (de GuangZhou até Xangai) ele foi capaz de unificar a China sob seu domínio. Ao contrário de muitos líderes do partido nacionalista, Chiang não colaborava com os comunistas. Durante sua expedição ao norte, ordenou a execução e perseguição dos líderes do PCC, resultando no Massacre de Xangai de 1927. Aqueles que sobreviveram ao massacre fugiram das cidades buscando refúgio no campo.

Após a unificação do país sob domínio do líder nacionalista Chiang Kai-shek, uma guerra civil com os comunistas foi travada e estes foram reprimidos. Em 1934, com a ajuda dos alemães, o partido nacionalista estava prestes a tomar as posições dos comunistas quando, na calada da noite, estes iniciaram uma retirada em massa, conhecida como a Grande Marcha. Foi no campesinato do Norte que buscaram refúgio e apoio para se reestruturar. Estima-se que dos 100.000 homens que iniciaram a marcha, depois de um ano e 6 mil milhas percorridas, suas forças haviam se reduzido para algo entre 8 e 4 mil pessoas.

Depois da Grande Marcha, os sobreviventes se instalaram em Yanan e lá ficaram durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período ajudaram muitos agricultores e passaram a ser extremamente populares, expandindo seu raio de influência sobre a massa camponesa. Com o fim da Segunda Guerra, o Partido Nacionalista estava bastante enfraquecido, a corrupção de seus dirigentes era generalizada e a hiperinflação assombrava a economia. Os comunistas retomaram a guerra civil e, em outubro de 1949, após a fuga dos nacionalistas para Formosa, Mao Tse-Tung, líder do partido comunista, tomou o poder, proclamou a República Popular da China (RPC) e logo iniciou uma extensiva reforma.

Durante os três primeiros anos da RPC (1949-1953), o governo era bastante popular. Inicialmente fez uma grande reforma agrária, em que os latifundiários foram obrigados a entregar suas terras aos pobres agricultores, conquistando assim a massa. A classe dos proprietários de terra foi extinta neste período, mas os industriais privados puderam, neste primeiro momento, manter seus negócios, sendo que as indústrias estatais passaram para as mãos do novo

governo. A vida na cidade pouco mudou. As pessoas tinham liberdade de se locomover, viajar e até mesmo liberdade de expressão (desde que não houvesse críticas ao comunismo e ao governo). O modelo de desenvolvimento industrial adotado foi o soviético com estatização e planejamento centralizado, pautado em planos quinquenais (CHOW, 2003 p.32).

A dimensão da reforma agrária foi realmente extensiva. Para se ter uma idéia, estima-se que cerca de 47 milhões de hectares, quase a metade das terras cultivadas, foram divididos entre 300 milhões de camponeses pobres, sendo 15 ares per capita (dois terços de hectare por família). A mudança na estrutura foi notória, com essa reforma, cerca de 40 milhões de camponeses com uma propriedade relativamente superior a média tiveram suas propriedades reduzidas, 70 milhões de camponeses simplesmente mantiveram sua propriedade e 300 milhões de camponeses pobres conquistaram sua propriedade. A reforma agrária foi além de simplesmente distribuir terras aos camponeses: uma série de fazendas e granjas estatais foram organizadas, possibilitando que muitos passassem a ser trabalhadores assalariados (PAGOTTO, 2006, p. 2).

Efetuar uma reforma nesses moldes significava, em última instância, estimular a economia, garantindo renda à população. O caráter social das reformas implementadas pelo PCC neste período possibilitava o início do desenvolvimento do país.

Ao final de 1952, a política econômica começou a mudar. As instituições educacionais foram reorganizadas, as universidades privadas fechadas e incorporadas às universidades públicas segundo o modelo educacional soviético.

A fronteira com Hong-Kong, que havia sido aberta no período anterior, foi fechada novamente. Os capitalistas foram sendo obrigados a entregar seus negócios, até que se tornaram apenas gerentes de seus antigos negócios. Os fazendeiros foram organizados em cooperativas sob o pretexto de que isso aumentaria a produção com ganhos de escala e também de divulgação conjunta (marketing dos produtos). Aos poucos, os agricultores foram obrigados a entregar suas produções ao governo através de suas agências. Logo as trocas efetuadas por agentes privados foram extintas e o governo passou a ser o único distribuidor. Muitas dessas mudanças foram feitas para que o governo pudesse iniciar seu plano quinquenal (1953-1957) (CHOW, 2003).

Para impedir uma forte migração para as cidades, dificultando o planejamento da Industrialização, foi criado o hukou, sistema que vincula cada indivíduo ao seu local de residência. Assim, um indivíduo que estivesse fora de seu hukou, não teria acesso aos sistemas hospitalar, educacional, etc. Outro fator importante é que os indivíduos ficaram proibidos de trabalhar permanentemente fora de seu hukou (OLIVEIRA, 2007 p.2).

Em 1958, Mao lançou o “Grande Salto à Frente”, plano que visava elevar drasticamente a produção do país, gerando rápido desenvolvimento econômico. Com esse projeto, buscava-se aprofundar a coletivização das atividades agrícolas com a formação de comunas em todas as regiões do país. Essas, por sua vez, seriam responsáveis pela implementação de tarefas definidas pelo governo central. A reforma agrária, que havia repartido terras e possibilitado uma elevação na renda dos trabalhadores, foi colocada em cheque. Em menos de um ano, a

política do Grande Salto para Frente alocou praticamente todas as famílias em comunas, que, em pouquíssimo tempo, já trabalhavam em times seguindo as normas do governo. Uma série de metas extremamente agressivas (um tanto quanto irrealistas) foi colocada tanto para o campo, quanto para a produção industrial nas cidades.

Mao era excelente para aglutinar as massas, porém acreditava que poderia fazer com a economia o que fazia politicamente: revoluções. Sua ferramenta para isso seria a mesma: rapidamente juntar a população em torno de um ideal.

Os resultados foram trágicos. Enquanto o primeiro plano quinquenal foi capaz de organizar a população, reestruturar a forma de produção agrícola e prover renda para o povo, o plano de Mao dessa vez trouxe grandes perdas econômicas e sociais. Estima-se que a produção agrícola tenha caído de 195 milhões de toneladas de grãos em 1957 para menos de 150 milhões de toneladas em 1960. Alguns analistas reportam que de 10 a 30 milhões de pessoas morreram devido à desestruturação da produção agrícola e seus impactos na produção industrial (RUIZ, 2006 p. 7 apud PAINE, 1983).

Na esfera geopolítica, o período do Grande Salto para Frente também foi preocupante. Como retaliação à autonomia política chinesa, a URSS cortou todo seu subsídio à China. Conflitos políticos e militares foram relativamente freqüentes neste período, como a Guerra da Coréia, na década de 1950, e a forte presença norte-americana em Taiwan, que mantiveram o governo de Mao sob persistente tensão militar. Em suma, a China tinha suas fronteiras no norte e no sul guardado

por nações hostis, e no seu litoral existia ainda a presença militar dos EUA (RUIZ, 2006, p. 8).

O período entre 1962 e 1965 pode ser colocado como o de reestruturação após o fracasso do “Grande Salto à Frente”. Mao perdeu força, apesar de continuar como presidente do partido comunista. Um governo mais moderado passou a dirigir o país, autorizando que os camponeses produzissem em terras privadas, sem extinguir as comunas. As metas irrealistas de produção foram retiradas e, em 1964, o Premier Zhou Enlai anunciou o objetivo de conquistar quatro modernizações – Indústria, Agricultura, Defesa e Ciência e Tecnologia.

Alguns veteranos comunistas, como Liu Shaoqi e Deng Xiaoping, foram grandes articuladores desta reestruturação da economia, capaz de recuperar os níveis de produção industrial e agrícola. A influência deles passou a ser cada vez maior e, de certa forma, colocou em cheque o poder de Mao.

Para recuperar seu poder político, Mao iniciou em 1966 a Revolução Cultural, que permeou a sociedade até 1976. Nela, o permanente revolucionário Mao aclamou ajuda aos jovens que acabassem com a antiga cultura chinesa que impedia o desenvolvimento social. Ele queria tirar a burocracia do partido comunista e o governo que ele mesmo havia criado para fora da *Mainland*. O poder político foi transferido dos economistas planejadores para os radicais do partido comunista, em nome de destruir uma antiga tradição que impedia a revolução social. Os jovens eram organizados pela Guarda Vermelha e aclamavam-se os seguidores de Mao.

Por ter na intelectualidade grande parte de seus adversários, Mao Tse Tung fechou as universidades. Não se pode deixar de destacar que a República Popular da China aprovou a lei “Decisões acerca da Grande Revolução Cultural Proletária”, que apoiava o governo no expurgo de intelectuais reacionários e imperialistas. A Guarda Vermelha, responsável por reprimir os opositores, tornou-se a principal autoridade na China. Deng Xiaoping, por exemplo, foi um dos perseguidos por ela, sendo humilhado, obrigado a trabalhar em uma fábrica de tratores, tendo sua família perseguida e seu filho torturado.

A Revolução Cultural tinha como um de seus objetivos, além de enfraquecer os opositores de Mao, transformar cada unidade econômica em uma unidade de estudo, de reconstrução do comunismo. Assim, seria possível “coletivizar” o campo das idéias e difundi-las em todo território chinês; daí o nome de Revolução Cultural. A revolução cultural colaborou para manter grande parte da estrutura de poder sob o domínio de Mao.

Após o fracasso do Grande Salto para Frente, seu raio de influência havia se estreitado e alguns intelectuais, adversários de Mao - como Deng Xiaoping - passaram a ganhar espaço. Com o pretexto revolucionário ele conseguiu, através da Guarda Vermelha, manter seu poder e fazer sua propaganda como o Grande Timoneiro.

Ainda durante a revolução cultural, Deng Xiaoping voltou ao cenário político como vice-premier executivo, uma vez que o Premier Zhou Enlai passava por graves problemas de saúde. Deng continuava sendo perseguido pelo Bando dos Quatro, comandado pela esposa de Mao. Com a morte dele a revolução Cultural

chegou ao fim, sendo o poder passado para as mãos de Hua Guofeng. A ascensão de Deng Xiaoping ao poder foi gradual. Paulatinamente, ele organizou seus aliados dentro do partido comunista, tornando-se líder em 1978, com o apoio da cúpula do comitê central do partido comunista. A sucessão dentro do partido comunista foi pacífica e com ordem. Hua, até 2001, ainda encontrava-se como membro do comitê central do partido comunista.

A ascensão de Deng Xiaoping pode ser considerada o marco histórico que mudou os rumos do desenvolvimento da China. Sob seu domínio, o poder político foi transferido dos radicais do partido comunista, para os desenvolvimentistas capazes de levar a cabo uma estratégia de desenvolvimento bastante particular e eficiente.

CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO CHINÊS

Não foi por acaso que, em menos de 30 anos, a China passou de uma nação primordialmente agrária para um país detentor do mais moderno parque industrial do mundo. Uma estratégia de cunho heterodoxo com forte controle do Estado e planejamento centralizado foram os pontos chave para sua Industrialização. O contexto geopolítico levou a China a adotar uma estratégia de desenvolvimento econômico, pautada no objetivo de reunificar sua nação e combater a dominância e influência da União Soviética. Em seu famoso discurso conhecido como “Discurso para os Dez Mil Militantes”, Deng Xiaoping listou as principais tarefas estratégicas do país para os anos 80: (1) a luta contra o hegemonismo (principalmente o Soviético); (2) o retorno de Taiwan para sua “terra natal”; e (3) a aceleração da reconstrução econômica (KAMENADE, 1997, p. 160). Dentre os três objetivos supracitados focaremos nossa análise no objetivo de acelerar a reconstrução econômica do país.

Com a ascensão de Deng Xiaoping ao poder, foi definida uma estratégia para a modernização do país, que buscava rapidamente resolver graves problemas sociais decorrentes da situação de miséria absoluta que grande parte da população vivia e colocar até o final do século XXI a China entre os países desenvolvidos de nível intermediário.

Medeiros (1999, p. 397) apresenta muito bem a estratégia adotada pela China na busca do seu desenvolvimento, dividindo-a em seis partes distintas: (1) ampla reforma na utilização da terra numa direção semelhante à apresentada por Lênin; (2) agressivo programa de promoção das exportações e de proteção do mercado interno, como nas experiências bem-sucedidas de industrializações deste século; (3) formação de grandes empresas estatais na indústria pesada; (4) reforma das empresas estatais e redefinição da relação entre o planejamento central e o mercado; (5) promoção das empresas coletivas (vilas e municípios); e (6) transição gradual de um sistema de preços controlados para um sistema misto de preços regulados, controlados e de mercado.

Com o intuito de melhor analisar este processo de desenvolvimento chinês, a análise será dividida em dois períodos: início do processo de industrialização (1978-1992), período em que se cria uma base para alavancar o crescimento acelerado da indústria chinesa; e o Salto Industrializante Chinês (1992 a 2007), período do boom do investimento direto externo, das exportações e completa transformação/ modernização da sua indústria.

2.1 O início do processo de industrialização: 1978-1992

Antes de falarmos do processo de industrialização chinesa desenvolvido por Deng Xiaoping, faz-se necessário citar que, esta industrialização só foi possível uma vez que Mao já havia criado uma indústria de base bastante significativa. As reformas de Deng Xiaoping possibilitaram uma construção

acelerada da indústria de bens de consumo e desenvolveu uma modernização acelerada de seu parque industrial.

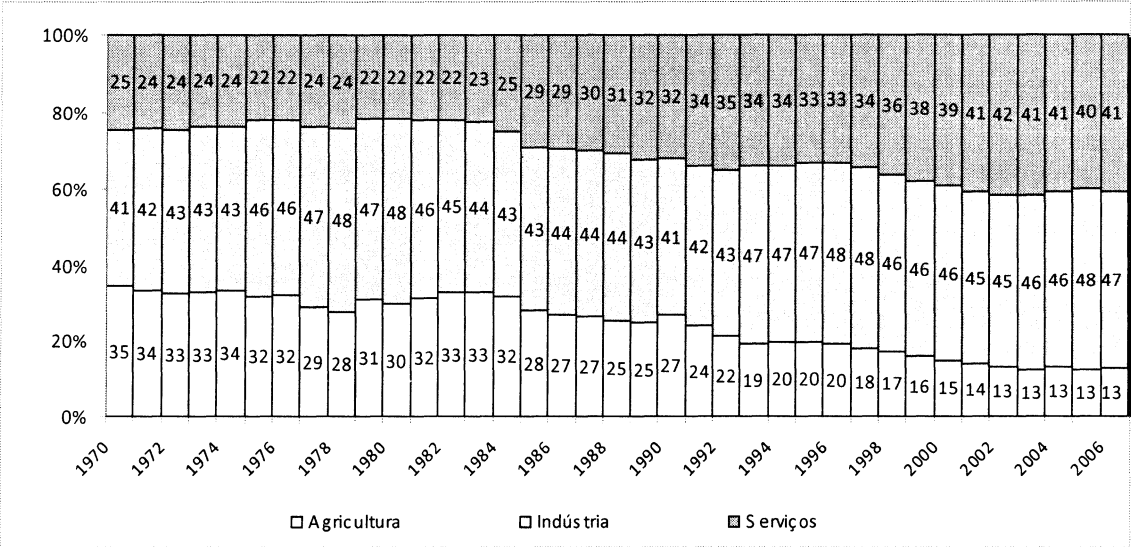
As reformas econômicas de Deng Xiaoping iniciaram-se em 1979 com uma grande reestruturação da principal fonte de renda e sobrevivência do povo chinês: a agricultura. Através de uma gigantesca reforma agrária, com fortes incentivos à produção e maior autonomia/renda para as famílias produtoras, foi possível elevar a produção, criar renda e plantar as sementes do desenvolvimento industrial. Vale ressaltar que, a partir deste momento, os agricultores passaram a poder vender parte de sua produção diretamente ao mercado, conferindo-lhes maior liberdade. Os camponeses eram obrigados a vender apenas uma parte de sua produção (previamente fixada) ao governo ao preço por este estipulado e o excedente poderia ser comercializado no mercado local, a preços superiores ou utilizado para o consumo próprio (MEDEIROS, 1999 p. 93).

Com essa maior flexibilidade, foi possível estimular a produção agrícola e elevar significativamente a renda das áreas rurais. A política de geração de renda para as áreas rurais foi fundamental para a expansão da indústria. À medida que a renda da população rural se elevava, abria-se a possibilidade de um maior consumo de produtos industrializados, gerando assim um forte estímulo à produção industrial, além de estimular a criação de empresas rurais. Concomitantemente ao aumento da produtividade agrícola (puxado pelas políticas centrais do governo no período), a China se abria e se modernizava. Com isso, a restrição ao desenvolvimento chinês - assim como da maioria dos países não

desenvolvidos - esbarrava na sua capacidade de importar máquinas e equipamentos (MEDEIROS, 1999, p. 400).

A efetividade desta política é notória. O Gráfico 1 mostra a participação da Agricultura, Serviços e da Indústria no PIB chinês, onde pode-se observar que, entre 1978-1982, a participação da agricultura chinesa no PIB cresce de 28% para 33%, dada a já citada reestruturação iniciada por Deng Xiaoping na agricultura. A partir de então, assiste-se ao crescimento da participação da indústria e dos serviços, chegando a representar, juntos, 87% do total do PIB, contra apenas 13% da Agricultura em 2006.

Gráfico 1 – Participação da Agricultura, Indústria e Serviços no PIB.

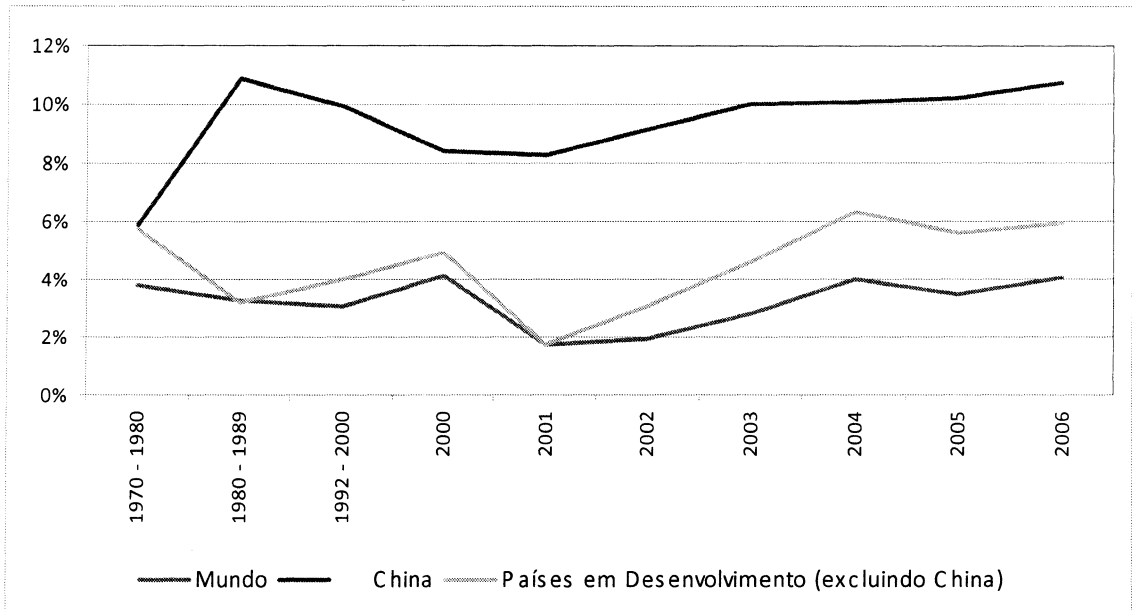


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do UNCTAD Handbook of Statistics 2007

Este crescimento não é evidenciado apenas na participação da Indústria e dos Serviços no PIB. Percebe-se neste período um elevado crescimento do PIB bastante acima do que a média do mundo e dos países em desenvolvimento (excluindo a China). O Gráfico 2 mostra a diferença entre o crescimento chinês e o

mundial. Através dele pode-se observar como o planejamento central da economia como fio condutor do processo de modernizações trouxe crescimento expressivo para economia chinesa, bastante superior à média mundial e à dos países em desenvolvimento.

Gráfico 2 – Comparação do Crescimento Chinês de 1970-2006



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da UNCTAD Handbook of Statistics 2007

A partir da segunda metade da década de 80, a China iniciou reformas mais intensas no setor industrial, que permitiram a entrada de empresas multinacionais (através de joint-ventures), atraindo também o investimento direto externo. Os conglomerados chineses assumiram um papel estratégico no sentido de realizar as joint-ventures, mantendo o controle chinês sobre as empresas estrangeiras que lá se instalam.

Existiam as TVE's (*towns and village enterprises*), empresas de propriedade coletiva sob o comando de unidades subnacionais de governo (comunas camponesas, cidades camponesas e distritos). Foram criadas na época do

Maoísmo e, após 1978, passaram a ter a liberdade de vender diretamente no mercado como fornecedora das estatais. As ZEE's (zonas econômicas especiais) foram criadas para aumentar as exportações no país e era através delas que as multinacionais se instalavam. Essas regiões têm liberdade para importar insumos e componentes, além de realizar operações de câmbio, buscando atrair investimento estrangeiro de Hong Kong, Taiwan, entre outros. Com essas zonas econômicas a China buscava atrair investimentos e divisas.

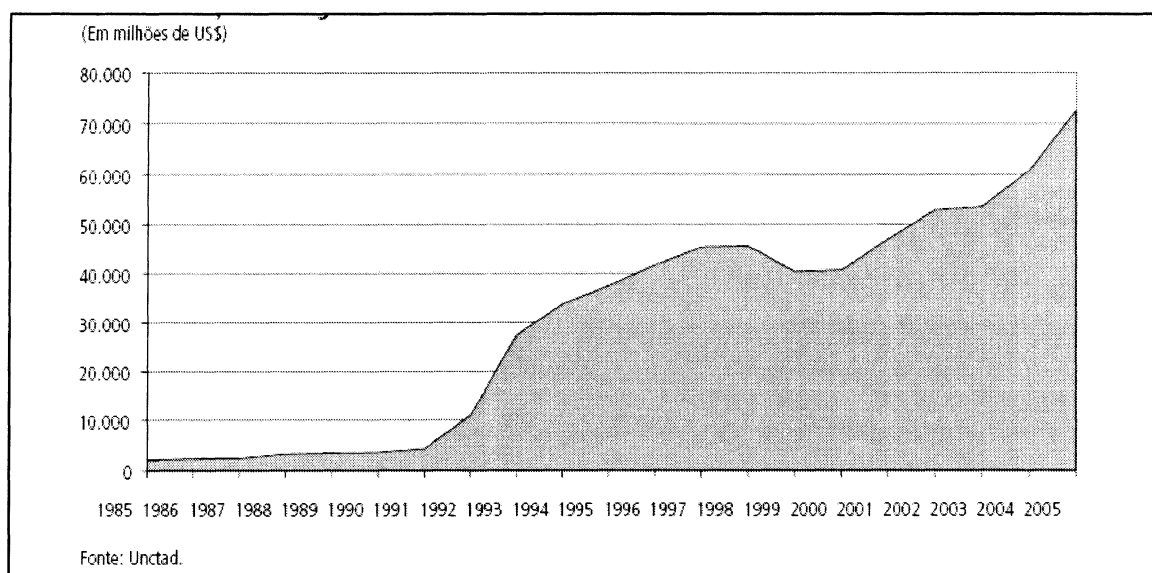
Inicialmente criou-se quatro zonas econômicas especiais, Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen, todas próximas ao litoral sul e a Hong Kong. Visando estimular a atividade industrial da região, uma série de isenções fiscais foram concedidas. As empresas vinculadas às ZEE's possuíam liberdade cambial e se beneficiavam de isenção de impostos. Diversos *clusters* foram criados e os *Spillovers* positivos de todos esses fatores mostram-se excelentes para a inserção chinesa na industrialização. Apesar de a localização ter sido escolhida por acaso, esse foi um grande diferencial geográfico. Nesse período, Hong Kong migrava sua produção para produtos superiores na escala tecnológica, possibilitando que a República da China pudesse se inserir primeiramente na indústria de brinquedos e manufatureira, por exemplo, aproveitando-se dos *spillovers* referentes à organização da produção, capacidade gerencial e contatos comerciais com o resto do mundo (NONNENBERG, 2008 p. 7-10).

O investimento direto externo (IDE) vinha, em grande parte, de chineses expatriados e empreendedores que possuíam um significativo grau de identidade cultural em comum. Não tardou muito para o governo chinês reconhecer o

sucesso da sua política e ampliá-la rapidamente. Em 1984, o governo já havia criado mais 14 ZEE's.

A entrada de IDE na China é crescente, como mostra a Figura 1. Na década de 80, a média desses investimentos no país era de menos de US\$ 5 bilhões por ano, aumentando para quase US\$ 30 bilhões ao longo dos anos 90. Em 2006, o total dos investimentos estrangeiros diretos foi de pouco mais de US\$ 70 bilhões! Fica claro, através do Gráfico 3, que foi em meados de 1992 que se iniciou um crescimento mais acelerado do IDE na China.

Figura 1. China: evolução dos ingressos de IDE.



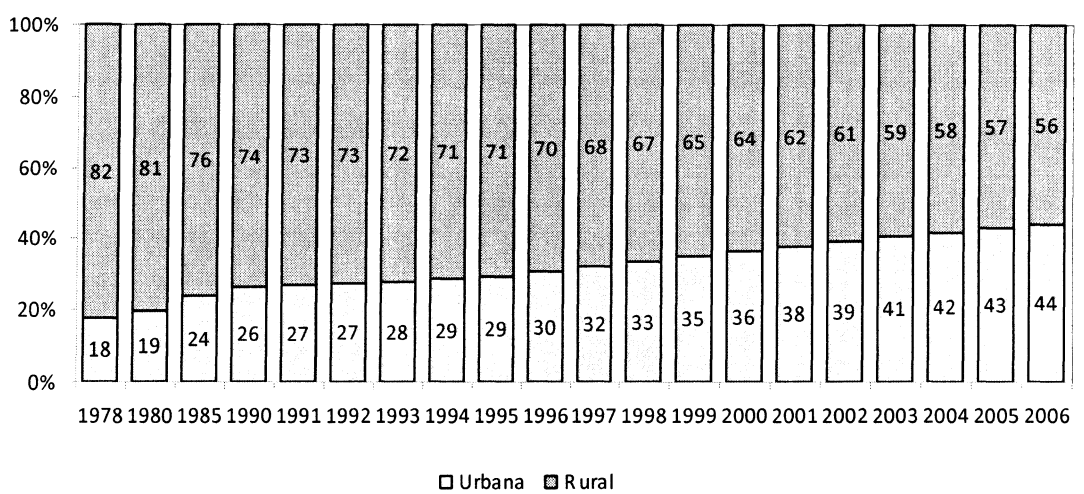
2.2 O salto industrializante chinês: 1992-2007

Três fatores fazem com que este período possa ser considerado o momento do salto industrializante chinês. O primeiro deles é a entrada de IDE no país. A partir de 1992 assistiu-se a uma aceleração incrível de IDE, colaborando na industrialização chinesa. O segundo ponto a se destacar é o salto no volume

de exportação chinesa e a mudança na sua pauta de exportação passando de bens de consumo com baixo valor agregado para bens com alta tecnologia embutida. O terceiro fator é a intensa modernização de sua indústria no período assinalado, capaz de gerar essa mudança na pauta exportadora. A estratégia chinesa estava ancorada basicamente em duas frentes: a de proteger o mercado interno e a de promover as exportações.

Em se tratando da proteção ao mercado interno, um primeiro fator a se destacar é o bônus demográfico da China, cuja população é estimada em mais de 1,3 bilhões de habitantes. Como mostra o Gráfico 3, em 2006, cerca de 44% dos chineses viviam nas cidades, totalizando 577,1 milhões de pessoas, que consomem os mais diversos tipos de bens e serviços. Como se pode observar, há uma crescente migração dos chineses dos campos para as cidades. Em 1992, somente 27% dos chineses habitavam as cidades; hoje, este número já chega a 44%. Este estrondoso crescimento significa, em última instância, mercado consumidor crescente e pressão sobre o custo da mão-de-obra. Atender a esse grande e crescente mercado, dado a migração para as cidades, passa a ser extremamente interessante para todo tipo de empresa. Para o governo chinês, essa imigração, apesar de relativamente controlada, significa uma necessidade real de alto crescimento econômico e amplo desenvolvimento da indústria, possibilitando a inserção destes migrantes no mercado de trabalho das cidades. Para as empresas que querem explorar esse mercado, significa aceitar uma série de normas impostas pelo governo para garantir elevados lucros e um mercado consumidor ainda crescente.

Gráfico 3. China: Evolução da participação da população por residência.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da China Statistical Yearbook 2007

Outro fator de proteção do mercado interno foi a política de investimento nas empresas estatais. A China protegeu fortemente seu mercado interno favorecendo suas estatais e estas, por sua vez, trataram de promover a industrialização pesada no país. As estatais chinesas tinham que apresentar resultado e se apropriar dos custos, uma vez que o orçamento das mesmas ficou separado do Estado. Assistimos assim a um processo de conglomeração, garantindo competitividade para as estatais.

A China optou por uma forma de desenvolvimento tardio bastante diferente da do Brasil. Enquanto este abriu rapidamente o mercado em busca de uma modernização industrial, a China optou por proteger ao máximo seu mercado interno, negociando caso a caso a entrada de multinacionais. Dessa forma, garantiu, que elas realizassem os investimentos necessários para a modernização de seu parque e, principalmente, transferissem know-how para as empresas chinesas. Através de um planejamento central bastante rigoroso, a China protege

seu mercado e garante que os investimentos para seu desenvolvimento industrial estejam alinhados ao seu planejamento centralizado. Como coloca muito bem o Professor Ajit Singh em “Globalization, Industrial Revolutions in India and China and Labor Markets in Advanced Countries: Implications for National and International Economic Policy”:

China, of course, has also been the recipient of major multinational investment. This is despite the fact that the country does not run a liberal investment regime, but imposes various kinds of restrictions including for example joint ventures with Chinese firms in order to draw maximum benefit from such investments. To explain the Chinese performance, non-orthodox economists suggest the following kinds of factors: extraordinarily high rates of investment, an ability to marry the market with the plan, an incentive system reflecting planning priorities, and China's advantage in using the command economy to build world class industrial, scientific and educational infrastructure, both soft and hard (SINGH, 2007 p. 13).

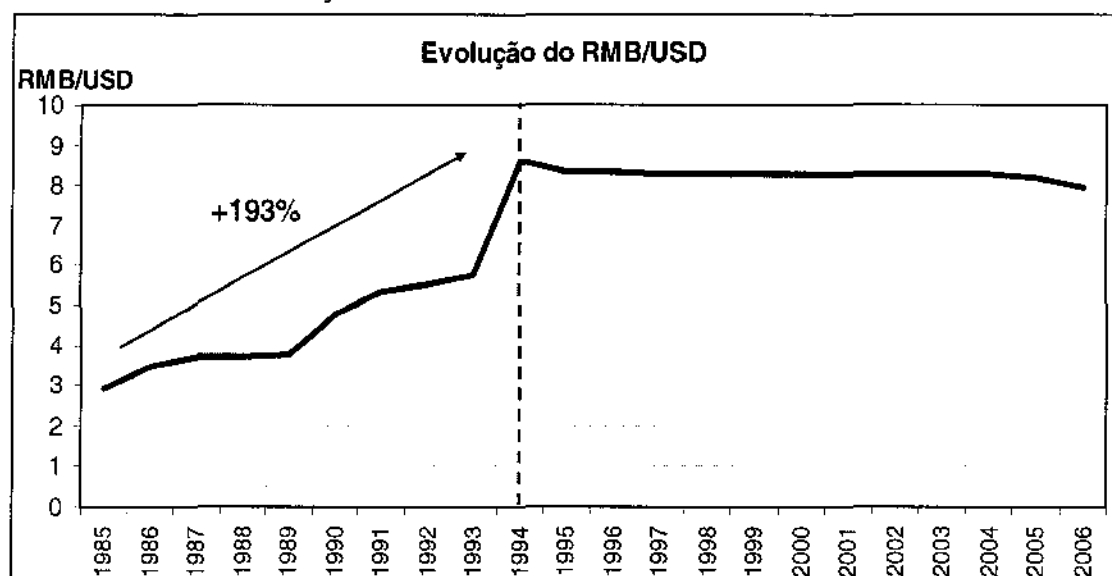
O IDE na China vem acompanhado do know-how das empresas. Como todas as empresas que lá se instalam obrigatoriamente têm um sócio chinês, a transferência de know-how e tecnologia está no cerne da estratégia chinesa. Ao fazer parte da gestão das multinacionais, os chineses se apropriam do que existe de mais valioso nelas: seu know-how. A propriedade intelectual tem pouco respaldo legal, deixando o caminho aberto para a cópia dos chineses que, uma vez conhecendo os processos de produção, forma de gestão e contatos de fornecimento, criam seus próprios produtos concorrentes.

Olhando agora pra sua estratégia de promoção das exportações, pode-se dizer que a forma como as Zonas Econômicas Especiais foram formadas e as políticas a elas atribuídas se encaixam com o objetivo de tornar a nação um pólo

de exportação dos mais variados bens imagináveis. As empresas que não se encontram nas ZEE's ficam subordinadas a rigorosa regulamentação de comércio exterior chinês, conduzido pelas *tradings* estatais. O protecionismo é notório, visto que, além das barreiras à entrada o câmbio é muito bem utilizado como instrumento impulsionador do desenvolvimento.

A partir de 1984, o Renminbi foi desvalorizado e estabeleceu-se um mercado dual de câmbio: o oficial, administrado, e "mercado de *swaps*", com acesso restrito às empresas das ZEE's e *tradings* estatais. Nesse mercado, o câmbio era ainda mais desvalorizado, estimulando as exportações e viabilizando o desenvolvimento industrial tardio da nação (MEDEIROS, 1999 p. 10).

Gráfico 4 – Evolução do Renminbi / USD



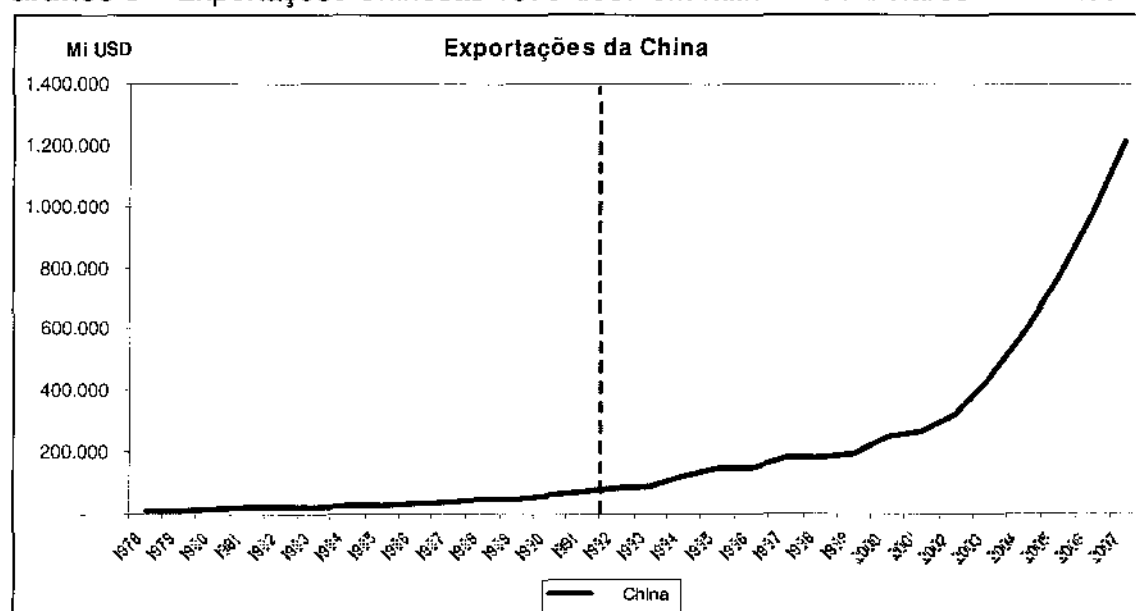
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da China Statistical Yearbook 2007

Como mostra o Gráfico 4, a opção por uma moeda em constante desvalorização foi um dos combustíveis para o desenvolvimento da indústria chinesa com foco na exportação, incentivando a produção em seu país e

viabilizando uma indústria nascente. Somente no período de 1985 até 1994, se observa uma desvalorização do Renminbi frente ao Dólar de 193%! É inegável que a China soube trabalhar muito bem o contexto internacional e usar o câmbio a seu favor. Seu elevado nível de reservas e uma política altamente protecionista possibilitaram a manutenção de taxa de câmbio favorável à exportação.

O Gráfico 5 mostra as exportações chinesas entre os períodos de 1978-2007 em milhares de dólares. Como se pode ver, a partir de 1991-1992 se inicia um crescimento acelerado das exportações chinesas. Entre 1978 e 1992, as exportações cresceram em média 17%, ao passo que entre 1992 até 2007, as exportações cresceram em média 25%, atingindo a incrível marca de 1,2 trilhões de dólares! É impressionante pensar que, em menos de 30 anos, a China foi capaz elevar suas exportações de apenas 9,9 bilhões de dólares para 1,2 trilhões de dólares, ou seja 121 vezes mais.

Gráfico 5 – Exportações Chinesas 1978-2007 em Milhões de Dólares Correntes



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do UNCTAD Handbook of Statistics

A Tabela 1 mostra o valor das exportações chinesas por categoria. Através dela, é possível auferir que não assistimos apenas à um estrondoso crescimento das exportações chinesas, mas sim uma transformação completa da sua pauta de exportação de produtos primários para os mais diversos bens manufaturados. Enquanto na década de 80, aproximadamente metade das exportações chinesas provinham de bens primários, a partir da década de 90 esse valor cai para uma média de 15%, chegando em 2006 a representar apenas 5,5% do total exportado, contra 94,5% das exportações de bens manufaturados.

Tabela 1. Valor das Exportações por Categoria em 100 Milhões de USD

Year	Total	Bens Primários	Bens Manufaturados	Bens Primários / Total	Bens Manufaturados / Total
1980	181	91	90	50,3%	49,7%
1985	274	138	135	50,6%	49,4%
1990	621	159	462	25,6%	74,4%
1991	719	161	557	22,5%	77,5%
1992	849	170	679	20,0%	80,0%
1993	917	167	751	18,2%	81,8%
1994	1210	197	1013	16,3%	83,7%
1995	1488	215	1273	14,4%	85,6%
1996	1510	219	1291	14,5%	85,5%
1997	1828	240	1588	13,1%	86,9%
1998	1837	205	1632	11,2%	88,8%
1999	1949	199	1750	10,2%	89,8%
2000	2492	255	2237	10,2%	89,8%
2001	2661	263	2398	9,9%	90,1%
2002	3256	285	2971	8,8%	91,2%
2003	4382	348	4034	7,9%	92,1%
2004	5933	405	5528	6,8%	93,2%
2005	7620	490	7129	6,4%	93,6%
2006	9689	529	9160	5,5%	94,5%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da China Statistical Yearbook 2007

A estratégia chinesa de desenvolver rapidamente sua indústria pautada nos âmbitos do protecionismo ao mercado interno e incentivo as exportações, foi sem dúvida, uma política não ortodoxa de sucesso. Ao entender e valorizar suas diferenças, a China foi capaz de, em menos de 30 anos, modernizar sua indústria e tornar-se uma das mais importantes potências mundiais. Sua influência sobre a

economia mundial é notória, assim como suas políticas de desenvolvimento. Em 30 anos se assistiu ao boom de exportações, de investimento direto externo e principalmente de industrialização. No próximo capítulo, será analisado o principal ganho das indústrias chinesas com a entrada das multinacionais no país: a modernização da indústria local e a qualificação de seus profissionais, capazes de competir mundialmente a partir das técnicas absorvidas das maiores empresas do mundo.

CAPÍTULO 3 – A MODERNIZAÇÃO DA INDÚSTRIA CHINESA E SEU GANHO EM KNOW-HOW

Muitos acreditam que o principal ganho da China com a entrada de multinacionais no país é o Investimento Direto Externo por elas aplicado na estrutura industrial chinesa. Buscaremos mostrar como a entrada do IDE por si só não é o principal ganho chinês neste processo. O cenário que estamos estudando tem de um lado temos as multinacionais buscando explorar o mercado chinês com mais de 1,3 bilhões de habitantes, e de outro, o governo chinês buscando atingir um patamar de desenvolvimento onde poderá caminhar com suas próprias pernas.

Este capítulo mostrará que o peso dos investimentos estrangeiros na formação bruta de capital do país é baixo, indicando que não se tem por objetivo atrair poupanças externas, mas a transferência de tecnologia, que passa a ser dominada por engenheiros e técnicos chineses. O sistema bancário permanece estatal, tendo como clientes preferenciais as estatais. Assim, o governo se mantém como organismo regulador dos investimentos, através do controle de crédito que favorece setores estratégicos e apóia políticas industriais. Além disso, a política monetária expansiva, com baixas taxas de juros, favorece o crescimento econômico liderado pela exportação de manufaturados.

3.1 Investimento direto externo na formação bruta de capital fixo

A entrada de investimento direto externo na economia Chinesa é notória. Somente em 2007, segundo dados da UNCTAD, se observa um investimento de 83,6 bilhões de dólares. Como já enfatizado no capítulo 2, a entrada de IDE na China é crescente durante quase todo o período de 1985-2007. Na década de 80, a média desses investimentos no país era de menos de US\$ 5 bilhões por ano, aumentando para quase US\$ 30 bilhões ao longo dos anos 90, atingindo o patamar de 83,6 bilhões em 2007. Entretanto, seria este o principal ganho da indústria chinesa com a entrada de multinacionais no país?

Sabemos que o principal objetivo traçado por Deng Xiaoping ao entrar subir ao poder em 1978, era de rapidamente resolver os graves problemas sociais de seu país através de uma rápida industrialização. A forma por ele encontrada para atingir tal objetivo foi através de uma atuação forte do governo na economia, com políticas de incentivo ao desenvolvimento industrial e às exportações.

Como se observa na Tabela 2, o IDE só é responsável por 5,9% da Formação Bruta de Capital Fixo na China. O verdadeiro responsável pelo seu desenvolvimento são as políticas intervencionistas do planejamento centralizado do governo.

Tabela 2. Investimento Direto Externo em Milhões de Dólares e Porcentagens

Fluxo de IDE Média Anual	1990-2000	2003	2004	2005	2006	Como porcentagem da FBKF			
						1990-2000	2004	2005	2006
China									
Entrada	30 104	53 505	60 630	72 406	69 468	11.3	8.0	8.8	8.0
Saída	2 195	2 855	5 498	12 261	16 130	1.0	0.7	1.5	1.9
Singapura									
Entrada	9 204	11 664	19 828	15 4	24 207	36.2	77.5	57.6	79.5
Saída	4 757	2 695	8 74	5 34	8 626	17.3	31.5	19.3	28.3
Estados Unidos									
Entrada	109 513	53 146	135 826	101 25	175 394	7.0	6.2	4.9	6.8
Saída	92 10	129 352	257 967	- 27	736 216 614	6.3	11.7	-1.4	8.3
Leste Asiático									
Entrada	48 832	72 666	106 314	116 253	125 774	8.9	10.0	10.0	10.1
Saída	29 472	17 447	62 924	49 836	74 99	5.6	5.9	4.3	6.0
Ásia e Oceania									
Entrada	76 700	115 330	170 722	209 127	259 773	8.1	10.3	11.3	12.9
Saída	37 432	22 445	87 516	77 845	117 72	4.0	5.3	4.2	5.8
Países em Desenvolvimento									
Entrada	130 722	178 699	283 30	314 316	379 70	9.3	12.9	12.6	13.8
Saída	52 836	45 372	117 336	115 860	174 389	3.8	5.5	4.7	6.4
Mundo									
Entrada	495 399	564 78	742 143	945 795	1 305 852	7.8	8.5	10.4	12.6
Saída	492 622	560 87	877 301	837 194	1 215 789	7.9	10.1	9.2	11.8

Fonte: UNCTAD, World Investment Report 2007 ; www.unctad.org/wir ou www.unctad.org/fdistatistics

As políticas industrializantes orquestradas pelo governo vão além do simples direcionamento do investimento direto externo na economia chinesa. Foi montado todo um arcabouço institucional capaz de garantir uma rápida industrialização e apropriação do conhecimento tecnológico e institucional das principais empresas do mundo.

Primeiramente é necessário se ter em mente que o governo, que negocia caso a caso as propostas das multinacionais que querem entrar no mercado chinês, exige associação com empresas chinesas sob o comando das mesmas. Esta política possibilita que, em alguns anos, as técnicas adotadas pelas empresas entrantes sejam dominadas por chineses, capazes de replicar, e até mesmo aprimorar, essas indústrias em alguns anos.

A política de incentivo ao desenvolvimento passa pelo sistema bancário que é o grande financiador do desenvolvimento de novas indústrias. As empresas

estatais contam com total apoio do crédito do sistema bancário. As estatais constituem uma conglomeração capaz de gerar demanda para as empresas (chinesas) entrantes no mercado. Desta forma, é possível garantir o desenvolvimento do país puxado pelo planejamento centralizado da economia.

O complexo das ZEEs está completamente alinhado com a política de incentivo às exportações adotadas pelo governo. Como analisamos no capítulo 2, uma série de incentivos governamentais é dado para as empresas que se instalam nas zonas econômicas especiais, garantindo, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da indústria local e a entrada de divisas.

3.2 A transferência de *know-how*

Se o investimento direto externo não é o grande responsável pelo desenvolvimento industrial chinês, qual o principal ganho da China com a entrada das multinacionais? Acreditamos que a resposta para esta pergunta é a transferência de *know-how*. Ao impor que, para explorar o mercado chinês a multinacional tenha que se associar a uma empresa chinesa, e transmitir seus conhecimentos e técnicas de produção para os técnicos chineses, a China garante que, em alguns anos, será capaz de se apropriar do *know-how* das empresas mais eficientes do mundo.

Esta política de transferência de tecnologia deu certo. Como mostrado anteriormente (Tabela 1 e Gráfico 6), o portfólio de exportação chinês mudou completamente nos últimos 30 anos. Enquanto no início da década de 80, aproximadamente 50% das exportações chinesas correspondiam a bens

primários, no final de 2006 representavam apenas 5,5%, contra 94,5% de itens manufaturados.

A mudança nos produtos que lá eram fabricados, assim como sua qualidade, mudou substancialmente nas últimas décadas. Enquanto inicialmente a grande maioria da sua produção era de mercadorias de baixo valor agregado e com baixa tecnologia, hoje vemos um enorme desenvolvimento do seu portfólio de produtos com significativa participação dos produtos high-tech. A Tabela 3 mostra essa migração espelhada nas importações e exportações chinesa. Enquanto em 1990 os produtos de alta intensidade tecnológica representavam apenas 13% das exportações chinesas, em 2005 esta cifra já chegava a 37%, mostrando que o portfólio de produtos fabricados na China com alta intensidade tecnológica vem crescendo substancialmente.

Tabela 3. Comércio exterior chinês, segundo intensidade tecnológica – 1990 e 2005.

Tipo de produto	Exportações				Importações			
	1990	%	2005	%	1990	%	2005	%
<i>Commodities</i>	11.372.159	18	40.213.608	5	9.282.362	17	93.626.829	14
Intensivos em mão-de-obra e recursos naturais	23.588.559	38	206.204.675	27	8.530.621	16	34.796.125	5
Baixa intensidade tecnológica	3.412.487	5	63.399.891	8	4.261.567	8	32.793.243	5
Média intensidade tecnológica	7.632.146	12	122.310.327	16	15.938.644	30	126.199.466	19
Alta intensidade	8.232.933	13	282.745.600	37	13.265.147	25	288.225.678	44
Outros	7.853.107	13	43.440.514	6	2.066.780	4	77.263.170	12
Total	62.091.391	100	758.314.615	100	53.345.121	100	652.904.512	100

Fonte: Unctad (apud Nonnenberg, 2008 p. 12)

Como aponta Medeiros em “China: Desenvolvimento Econômico e Ascensão Internacional:

“[...]a China vem desenvolvendo um inédito (considerando sua renda per capita) sistema de inovações tecnológicas. Ao contrário do estipulado pela literatura convencional que estabelece para os países em desenvolvimento um modelo de cópia passiva de produtos e técnicas dos países desenvolvidos, a criação na China vem se desenvolvendo de forma semelhante a dos países mais avançados. Como atesta Sum (2002), entre as grandes empresas chinesas, mais de 30% possuíam laboratórios de P&D em 1999, cifra que embora seja baixa entre os países industrializados excede em muito o percentual predominante entre os países em desenvolvimento. Como corolário deste esforço, a China tem registrado um número crescente de patentes.” (MEDEIROS, 2008)

De acordo com Gilberto Dupas em CHINA: DIMENSOES ESTRATÉGICAS:

“A principal estratégia chinesa consistem em apropriar-se de soluções tecnológicas existentes e montar sua rede de corporações globais, inclusive comprando canais e estruturas existentes, como fez recentemente com a Lenovo. Amplo investimento mundial também tem sido feito, aproveitando sua gigantesca reserva em dólares, para buscar garantir suprimentos de matérias-primas e obter expertise em setores que interessam ao país. A economia de mercado na China ainda é um processo em andamento” (DUPAS, 2008, p. 15).

Essa estratégia de apropriação das tecnologias e do know-how das maiores empresas do mundo garantiram à China a possibilidade de pular etapas no processo de revolução tecnológica.

Dessa forma, pode-se concluir que principal objetivo chinês, ao permitir a entrada de investimento direto externo em sua economia - ao contrário do que alguns autores colocam - não é apenas seu papel de financiador de um complexo industrial, mas sim, de garantidor de transferência de know-how e tecnologia de ponta, dando aos chineses as ferramentas necessárias para que possam competir no mercado internacional com produtos de ponta.

CAPÍTULO 4 – POR QUE A ESTRATÉGIA DAS EMPRESAS PASSA PELA CHINA

Nos três primeiros capítulos deste trabalho buscamos entender como a China passou de uma economia primordialmente agrária para uma economia industrializada de alta tecnologia. Apresentamos os principais benefícios galgados pela China com sua estratégia de desenvolvimento planejado e controlado pelo governo central. Agora, serão apresentados os principais fatores que levam as multinacionais a desenvolverem uma indústria de ponta na China, apesar de todas as obrigações impostas pelo governo local.

Acreditamos que dois são os fatores primordiais que levam as multinacionais a se estabelecerem na China, desenvolvendo fornecedores e investindo em um parque tecnológico no coração da Ásia. O primeiro fator é seu já amplo mercado consumidor ainda em expansão, e o segundo é o baixo custo de produção, que garantem uma enorme rentabilidade aliados a um completo complexo exportador preparado para atender a demanda por todo tipo de produto das mais diversas regiões do mundo.

Um estudo realizado em Xangai pela Consultoria Booz & Company em parceria com a Acham (American Chamber of Commerce) entrevistou mais de 10% das 600 maiores multinacionais lá instaladas. O estudo intitulado "*China Manufacturing Competitiveness 2007-2008*" apontou que a rentabilidade das empresas que buscam tanto o objetivo de atender o mercado interno como o de apropriar-se dos ganhos de custo/escala na China, obtiveram uma rentabilidade

média de 29,6%, ao passo que aquelas que focaram em apenas um destes objetivos, atingiu 17,8%. Seja qual for o foco das multinacionais, fica claro que as multinacionais que lá se instalam auferem ganhos bastante significativos.

4.1 O mercado consumidor

O potencial de mercado chinês é um tema amplamente discutido no centro das multinacionais. Devido ao seu tamanho já bastante significativo e enorme potencial de crescimento nos próximos anos, atender a este mercado faz parte da estratégia da maioria das multinacionais. Os indicadores mostram que as empresas que realmente conseguirem atender de forma eficiente este mercado e garantir sua presença neste momento de expansão poderão galgar liderança mundial no futuro. Previsões da Boston Consulting Group (BCG) estimam que a China tenha o maior mercado consumidor em 2015.

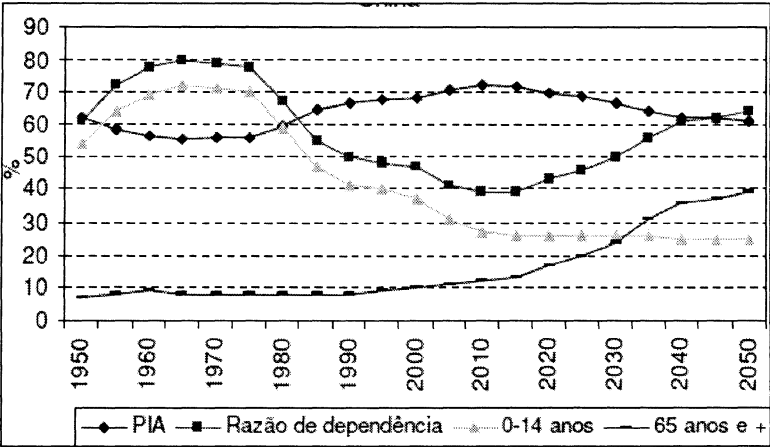
Edward Tse, vice-presidente da consultoria Booz-Allen & Hamilton, define o mercado consumidor chinês como: *“the Chinese consumer market has awesome demographics. It is huge, young and growing”* (TSE, 1998, p.2). Ou seja, para as multinacionais, estrategicamente é necessário estar neste mercado aprendendo e atendendo a estes consumidores cada vez mais exigentes e, muitas vezes, culturalmente diferentes.

Um segundo ponto que traz à tona este potencial é o fato de que apenas 44% dos chineses vivem nas cidades e existe hoje um forte movimento de migração campo/cidade, evidenciando uma elevação significativa deste mercado consumidor, principalmente para produtos industrializados. Um último fator de

destaque é a idade da população chinesa bastante jovem, uma vez que 52% da população têm menos de 35 anos¹, o que indica um mercado potencial bastante significativo.

O Gráfico 6 mostra que a razão de dependência da população chinesa segue uma tendência de queda desde meados da década de 1970 até meados da de 2010. Esta queda é um reflexo da mudança da pirâmide etária chinesa, que antes era muito concentrada nas idades até 0-14 anos e vem se modificando com uma maior participação da população entre 15-64 anos. Esta mudança está parcialmente ligada à política adotada pelo governo de um filho por família (ALVES, 2008 p. 4). Esta política de certa maneira amplia os gastos com consumo, uma vez que estas famílias, agora menores, tendem a alocar uma maior parcela de suas rendas em bens de consumo para o filho único (TSE, 1998, p.12).

Gráfico 6 – Razão de dependência China – 1950-2050



Fonte: Population Division of United Nations apud Alvez 2008 p.6

¹ U.S. Census Bureau, International Data Base

O Gráfico 6 também mostra uma População em Idade Ativa bastante grande para os anos de 2000-2030. Isto significa, que, caso essas pessoas realmente tenham renda para consumir produtos industrializados, é possível que o mercado consumidor chinês cresça ainda mais. Ter uma grande parte da população em idade ativa significa também um desafio para o governo que cada vez mais, terá que garantir um crescimento acelerado para incluir todas essas pessoas no mercado de trabalho.

As principais empresas multinacionais já estão presentes em praticamente todos os mercados mundiais relevantes. Estar presente em um mercado como o chinês, em franca expansão, passa a ser praticamente uma obrigação para as multinacionais que desejam garantir uma ampla participação no mercado mundial do futuro.

Segundo um estudo divulgado pela Consultoria Deloitte (KALISH 2005, p.2), o mercado consumidor chinês vem crescendo a passos largos. A Tabela 4 apresenta o consumo dos chineses por segmento de 1997-2003. Estes dados apontam para um crescimento de 1997-2003 de 64% dos gastos com consumo pelos chineses. Se observar claramente que todos os setores apresentaram um crescimento significativo. Estar presente neste mercado significa, em última instância, aproveitar-se deste crescimento de mercado, transformando estes gastos dos consumidores em lucros para as multinacionais.

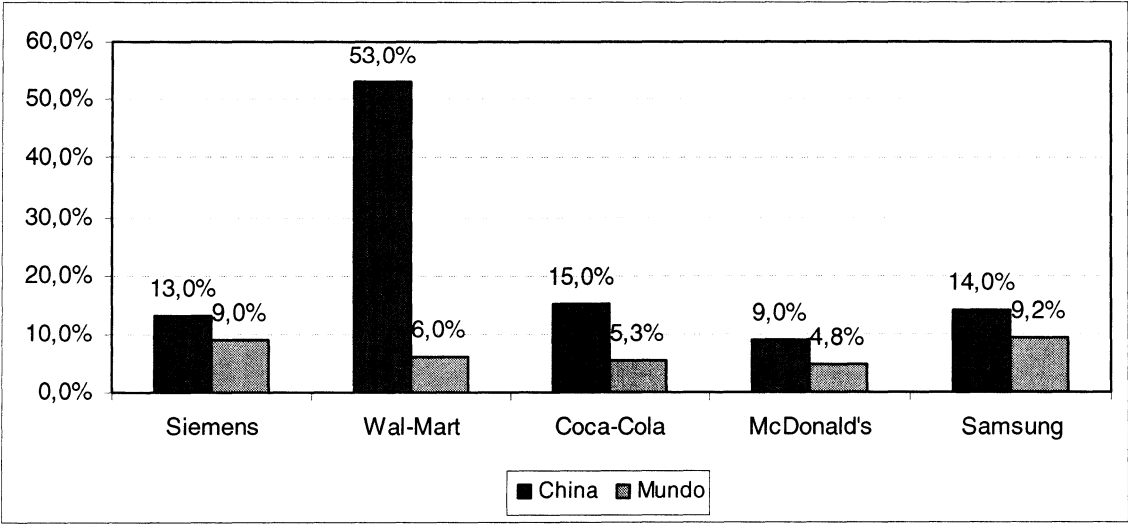
Tabela 4 – Consumo Chinês por Segmento em Bilhões de RBM

Gastos do Consumidor na China em Bilhões de RMB, 2003								% 1997-2003
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	
Alimentação	2.684	2.756	2.845	3.029	3.326	3.487	3.789	41%
Produtos Farmaceuticos	213	255	300	356	401	455	506	138%
Roupas e Calçados	785	750	728	791	866	885	958	22%
Bens duráveis para Casa	414	485	569	595	657	727	790	91%
Trasporte e Comunicação	290	337	385	437	498	554	614	112%
Educação e Entreterimento	550	643	739	837	945	1,056,6	1,170,4	113%
Moradia	424	507	599	663	752	842	931	120%
Serviços	244	268	296	330	367	400	441	80%
TOTAL	5.603	6.001	6.462	7.037	7.811	8.407	9.198	64%

Fonte: eloitte Research: China's Consumer Market: Opportunities and Risks pg. 2

As multinacionais que optam por se instalarem na China auferem lucros bastante superiores quando comparados com outras regiões. O Gráfico 8 reflete o crescimento das vendas de cinco multinacionais instaladas no país. Todas elas têm um crescimento bastante superior aos seus crescimentos em outras regiões do mundo, o que mostra a expansão pela qual a economia chinesa se encontra e o potencial de lucros elevados por parte das multinacionais que atendem a esse mercado.

Gráfico 8. Comparação do crescimento das vendas entre China e Mundo.



Fonte: Euromonitor (apud revista Exame 2008, Ano 42 no. 11, Ed. 920)

Podemos concluir que atender ao mercado consumidor chinês não só é extremamente lucrativo para as multinacionais que foram bem sucedidas, como também faz parte de uma estratégia global das principais empresas do mundo de estar presente e liderar cada um dos mercados. A China, com seu mercado potencial, está no cerne da estratégia destas empresas, que cada vez mais procuram atender e entender o consumidor chinês.

4.2 O baixo custo de produção gerando rentabilidade

Os baixos custos de produção na China, principalmente entre as décadas de 80 até meados de 90, com certeza foi um dos principais atrativos para as multinacionais se instalarem lá. Atraídos pela lógica de custo baixo e rentabilidade alta, este país, cada vez mais aberto à entrada de investimento direto externo, atraiu grande parte das principais empresas do mundo. Em um mundo globalizado, onde as empresas têm ampla flexibilidade para decidir onde produzir, possibilita que estas procurem países/plantas que possibilitam sua maior rentabilidade.

O Renminbi depreciado teve um papel central neste movimento. Ao manter a moeda em constante desvalorização, a China incentiva as exportações, garante a valorização do capital internacional lá investido e proporciona um baixo custo de produção.

Por deter vantagens comparativas na produção de bens estratégicos como o aço, a China proporciona um custo de produção significativamente reduzido.

Seu complexo voltado para exportação com ampla infra-estrutura, composta por portos, rodovias e ferrovias garantem um diferencial extremamente importante para as multinacionais.

Muito tem-se falado sobre o baixo custo do trabalho na China. Não podemos dizer que o custo do trabalho chinês é significativamente inferior ao dos demais países em desenvolvimento. O que vemos hoje, é um aumento significativo do salário do operário chinês médio e cada vez mais, um ganho de benefícios e direitos por parte destes trabalhadores.

Existem diversas formas de inserção na indústria chinesa. As duas mais comuns são a de efetuar uma joint-venture na China e instalar uma planta completa, com transferência de tecnologia e know-how ou simplesmente desenvolver um fornecedor chinês que será capaz de produzir para a multinacional com a qualidade esperada e simplesmente colocar a marca da multinacional no produto.

Um exemplo do baixo custo na China pode ser avaliado através de um exemplo prático. Uma multinacional do segmento de ferramentas elétricas faz uma análise intitulada "*Make or Buy*". Nesta análise, ela compara o custo de produzir uma determinada ferramenta no Brasil ou desenvolver um fornecedor chinês. Para um determinado modelo de furadeira, o custo de produção no Brasil era de US\$ 12,10 em 2007 com o dólar/real a 1,90. Esta mesma furadeira, produzida na China com a marca da multinacional já exportada para o Brasil, ou seja, seu preço FOB,

era de US\$ 5,14. Isto significa uma diferença de 135%, que se transforma em margem para a multinacional.

O processo funciona da seguinte maneira: a multinacional possui uma equipe na China que visita e conhece possíveis fornecedores a serem terceirizados. O projeto é apresentado para aqueles que apresentam os requisitos necessários para o desenvolvimento deste produto (máquinas, engenheiros, capacidade de produção, etc) e aquele que ofertar o custo mais baixo para o desenvolvimento deste novo produto ganha o projeto.

Durante todo o projeto, engenheiros da multinacional avaliam o produto e apresentam a forma como deve ser desenvolvido/aprimorado (qual tipo de material a ser utilizado, forma de integração entre os componentes, e todo tipo de informação para que o produto tenha a qualidade da multinacional) e no final do desenvolvimento o fornecedor produz ao preço combinado anteriormente com a multinacional. Com este processo, o ganho de rentabilidade para a multinacional é estrondoso e, como mostrou o exemplo, o custo de importação é de 135% para uma furadeira específica. Por outro lado, como se viu anteriormente nos capítulos 2 e 3, agora o fornecedor é detentor de todo o know-how de produção deste equipamento, possibilitando que, no futuro, ele venha a competir com a própria multinacional em seus diversos mercados.

Assim, pode-se dizer que, de um lado o baixo custo do trabalho confere às multinacionais um ganho de rentabilidade significativo e, de outro, a crescente produtividade e um completo complexo exportador garantem agilidade e eficiência na utilização das plantas na China como plataforma de exportação.

4.3 Considerações finais

O baixo de produção, aliado a uma produtividade crescente e apoio governamental, possibilitaram que a China despontasse como um dos principais pólos de atração das multinacionais. Seu complexo produtivo altamente eficiente com uma infra-estrutura invejável para grande maioria dos países em desenvolvimento garante um diferencial estratégico às multinacionais.

A rentabilidade auferida por elas e a possibilidade de atender a um mercado gigantesco e ainda em amplo crescimento, fazem com que esta rota seja crucial para o desempenho de uma série de multinacionais que anseiam liderança mundial em seus setores.

Esta estratégia de integração só é possível graças a um complexo exportador voltado para atender o mercado mundial. Como parte da estratégia chinesa, o governo centralizado e sua economia planejada dão suporte para as empresas locais atenderem as multinacionais, garantindo este custo baixo. Os ganhos know-how e desenvolvimento das empresas locais são significativos, comprovado por diversos setores de média e alta tecnologia onde empresas chinesas já se apresentam como líderes de mercado, como a Huawei, ZTE e Lenovo.

CONCLUSÃO

Existe uma articulação bastante intensa entre as multinacionais instaladas na China e o processo de desenvolvimento chinês. Nos últimos 30 anos a China foi capaz de criar uma indústria de ponta e evoluir em praticamente todos os principais indicadores econômicos e sociais. Buscou-se apresentar neste trabalho o processo de industrialização chinesa e como este foi capaz de gerar uma articulação intensa com as multinacionais, tornando-as parte do seu processo.

A estratégia chinesa de desenvolvimento, de cunho heterodoxo com ampla participação do governo como organizador da economia, obteve enorme êxito na China. Esta estratégia, segundo esteve pautada em seis partes principais: (1) ampla reforma na utilização da terra numa direção semelhante à apresentada por Lênin; (2) agressivo programa de promoção das exportações e de proteção do mercado interno, como nas experiências bem-sucedidas de industrializações deste século; (3) formação de grandes empresas estatais na indústria pesada; (4) reforma das empresas estatais e redefinição da relação entre o planejamento central e o mercado; (5) promoção das empresas coletivas (vilas e municípios); e (6) transição gradual de um sistema de preços controlados para um sistema misto de preços regulados, controlados e de mercado. (MEDEIROS, 1999, p. 103)

A China foi capaz de inserir as multinacionais como parte deste processo de industrialização sem que estas dominassem e guiassem o processo. A política de atração de investimento estrangeiro funciona com uma intensa participação do governo, que negocia caso a caso as propostas, e exige associação com

empresas chinesas sob o comando das mesmas. O peso dos investimentos estrangeiros na formação bruta de capital no país é baixo, indicando que não se tem por objetivo atrair poupanças externas, mas a transferência de tecnologia, que passa a ser dominada por engenheiros e técnicos chineses.

O sistema bancário permanece estatal, tendo como clientes preferenciais as estatais. Assim, o governo se mantém como organismo regulador dos investimentos, através do controle de crédito que favorece setores estratégicos e apóia políticas industriais. Além disso, a política monetária expansiva, com baixas taxas de juros, favorece o crescimento econômico liderado pela exportação de manufaturados (CHOW, 2003).

Por outro lado, a China apresentou baixo custo de produção, aliado a um complexo exportador com infra-estrutura completa que atraiu as multinacionais. A rentabilidade auferida por elas e a possibilidade de atender a um mercado gigantesco e ainda em amplo crescimento fazem com que esta rota seja crucial para o desempenho de uma série de multinacionais que anseiam liderança mundial em seus setores.

A China conseguiu prover as multinacionais de custos de produção baixo dados seus diferenciais de competitividade. Por outro lado, exige a participação dos chineses na gestão das empresas, garantindo assim transferência de know-how e tecnologia, sem oferecer garantias legais para as empresas, além de não prover segurança da propriedade intelectual.

Esta estratégia de integração possibilitou que a China, com apoio do planejamento central e ordenado, desenvolvesse sua economia e despertasse

como um dos motores da economia global, capaz de modificar totalmente seu quadro econômico e social em apenas três décadas.

REFERÊNCIAS:

- ACIOLY, Luciana. China: Uma Inserção Externa Diferenciada. Economia Política Internacional: Análise Estratégica. 2005
- AGUIAR, Marcos. The 2008 BCG 100 New Global Challengers. How Top Companies from Rapidly Developing Economies are Changing the World. 2007
- AJIT S. Globalization, Industrial Revolutions in India and China and Labour Markets in Advanced Countries: Implications for National and International Economic Policy. 2007.
- ALONSO, C.B. O. Desenvolvimento Comparado: América Latina e Ásia. In. "Economia e proteção Social: textos para estudo dirigido". Org. DEDECCA, S. C. & PRONI, W. M, 2006
- ALVES, José. Estrutura etária e bônus demográfico nos BRICs. Documento disponível em:
http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/estrutura_etaria_e_bonus_demografico_nos_brics.pdf
- CASTRO, A. Barros de: "No espelho da China". Documento disponível em
<http://plenoemprego.files.wordpress.com/2008/02/no-espelho-da-china1.pdf>
- CHINA STATISTICAL YEARBOOK 2007, disponível em
<http://www.stats.gov.cn/tjsj/ndsj/2007/indexeh.htm>
- CHOW, Gregory C. *China's Economic Transformation*. Blackwell Publishing, 2003.
- CUNHA, ANDRÉ M. Crescimento e Internacionalização da China: impactos potenciais na América Latina.
- DEQIANG, Han *Chinese Cultural Revolution: Failure and Theoretical originality* Institute of Economics and Management. Beijing University of Aeronautics and Astronautics. Beijing, 100083
- DUPAS, Gilberto. China: Dimensões Estratégicas, 2008
- FLASSBECK, Heiner, *China's Spectacular Growth Since the Mid-1990s – Macroeconomic Policy Challenges*. United Nations Conference on Trade and Development Geneva
- FU, Xiaolan, Foreign Direct Investment, Absorptive Capacity and Regional Innovation Capabilities: Evidence from China. Meeting of Experts on

"FDI, Technology and Competitiveness". 2007

GEIGER Michael. *Instruments of Monetary Policy in China and their Effectiveness: 1994–2006* United Nations Conference on Trade and Development. Discussion Papers.

HEINER F. China's Spetacular Growth Since the mid-1990S – Macroeconomic Conditions and Economic Policy Challenges. UNITED NATIONS New York and Geneva 2005

JABBOUR, Elias M. K. "Conceito Científico" e os desafios do desenvolvimento na China de hoje., 2008

MEDEIROS, C. Aguiar. Economia política do desenvolvimento recente da China. *Revista de Economia Política*, v. 19, n. 3, 1999.

MEDEIROS, C. Aguiar. Notas sobre o desenvolvimento recente da China. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, 1999.

MEDEIROS, C. Aguiar. China: Desenvolvimento Econômico e Ascensão Internacional., 2008

MEDEIROS, C. Aguiar. A China como um Duplo Pólo na Economia Mundial e a Recentralização da Economia Asiática. texto disponível em: http://www.ie.ufrj.br/eventos/seminarios/pesquisa/a_china_como_um_duplo_polo_na_economia_mundial.pdf Acesso em: 14 Jun. 2008..

MCKINSEY. Multinational company investment: impact on developing economies. Disponível em: <http://www.mckinsey.com/mgi/publications/newhorizons/index.asp> visitado 13 Nov. 2008

MICHAEL, David. The Dragon's Revenge: Tough Times for Telecom Vendors in China. BCG Consulting Group.

MOREIRA, Mauricio Mesquita. O desafio chinês e a indústria na América Latina. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 72, Julho 2005. texto disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200002&lng=en&nrm=iso Acesso em: 15 Out. 2008.

MOREIRA, Mauricio Mesquita. Fear of China: Is There a Future for Manufacturing in Latin America? INTAL –ITD Occasional Paper 36

NOLAN Peter. *The Challenge of Globalization for Large Chinese Firms*. United Nations Conference on Trade and Development. Discussion Papers.

NONNENBERG, B. Marcelo, *ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO DA CHINA*, 2007

NONNENBERG, B. Marcelo, *O crescimento econômico e a competitividade chinesa*, 2008

OLIVEIRA, A. Porto. *A China em Busca da Terceira Reforma Agrária*. Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos

PAGOTTO, Claudete. *Apontamentos acerca das principais formas de cooperação na China entre 1950 e 1966*, Novos Rumos, 2006

POPULATION DIVISION OF UNITED NATIONS. *World Population Prospects: The 2006 Revision*, Disponível em: <http://esa.un.org/unpp>, Visitado em: June 14, 2008

PAINE, S, *Spatial Aspects of Chinese Development: issues, outcomes and policies 1949-1979*. The Journal of Development Studies, 1983

Revista Exame Ano 42 no. 11, Ed. 920

RUIZ, Ricardo, *Polarizações e Desigualdades: Desenvolvimento Regional na China (1949-2000)*, UFMG, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, 2006

SINGH, Ajit *Globalisation, Industrial Revolutions in India and China and Labour Markets in Advanced Countries: Implications for National and International Economic Policy*. Meeting of Experts on "FDI, Technology and Competitiveness" A conference convened in honour of Sanjaya Lall

SUM, Yuanjiang, *Globalization and Integration of China into the World Economy*. United Nations Conference on Trade and Development Geneva

TSE, Edward. *The Right Way to Achieve Profitable Growth in the Chinese Customer Market*. Booz & Co. ongoing research. 1998

UNCTAD, *Handbook of Statistics*, disponível em <http://www.unctad.org/Templates/Page.asp?intItemID=1890&lang=1>

WANG, Shaoguang. *CHINA: Challenges and Perspectives*, 2008.

WEIGUANG, W. *China's Reform, Opening up and its path of development*, 2008